

Jornal das Senhoras – Tomo VI. – 17 de setembro de 1854 – Edição 38

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00038.pdf

3.º ANNO.

TOMO VI. — DOMINGO, 17 DE SETEMBRO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

MODAS.

Já sei que ides assistir ás corridas domingo no Prado Fluminense.

Gostais de passear a cavallo?

Oh! um passeio a cavallo, n'uma das bellas tardes do mez de setembro e outubro, pelos floridos e pittorescos arreballes do nosso Rio de Janeiro, é sempre um passeio de palpitante prazer para a delicada elegante que traja airoosamente um bem talhado vestido de cachemira verde escuro, de corpo gracioso, aberto adiante, circulado por uma engraçada basquine, sombreado pelas abinhas de um pequeno chapéo de feltro ou palha, enfeitado de laços e pontas volantes de fita de setim.

Para mim, confesso ingenuamente, é uma tarde de festa. Bate-me o coração tão apressado, que se algum scismatico sentisse o seu, tão desinquieto, julgar-se-hia com uma aneurisma no terceiro grão. Quando chego a pôr o pé no estribo e ganho o selim, ora, é uma graça; parece-me haver conquistado um throno vivo de quatro pés ligeiros, que a meu bel prazer faço andar a passo, a trote, e a galope, se for necessario fugir de algum conquistador á corôa: e ninguém me comprimente, porque não dou fé de nada; toda eu estou passeando, fazendo

castellos no ar, entregue á uma abstracção completa, de um prazer tão íntimo, que não vos sei explicar, querida leitora, mas que se resume nesta verdade — gosto muito de passear a cavallo.

Talvez não vos aconteça outro tanto; talvez mesmo estranheis em mim essas emoções todas, n'um simples passeio, sobre um animal tão conhecido, e ha tantos seculos em uso; mas, o que quereis, são gostos; gôsto de bailes e passear a cavallo. Nos bailes rio-me converso e danço. A cavallo, passeio, imagino e gôso: são prazeres sempre novos para mim e que me causão agradaveis emoções differentes, cada uma de per si. Creio não estar por isso em peccado mortal, assim como creio que me absolvereis, querida leitora, da ingenua confissão que vos acabo de fazer á vista do lindo figurino de Amazona que vos apresento.

Permitti, já que fallei em Amazona, que vos transmitta uma resumida noticia que li, em livro muito considerado, a respeito da origem da palavra Amazona. Diz o livro: «Chamárão Amazonas ás mulheres guerreiras que habitavão aquella parte da Asia Menor banhada pelo Thermodonte, e que formavão um estado governado por uma rainha, com total exclusão de homens. Refere-se que ellas penetrárão na Atica, onde Theseo as derrotou; que forão soccorrer a cidade de Troya sitiada pelos gregos; e que depois de terem desaparecido durante muitos seculos, tornárão a apparecer no tempo de Ale-

xandre Magno, sendo então governadas por uma rainha chamada Thalestris. Herodoto colloca as Amazonas no paiz dos scithas sobre as margens do Tanais, e diz que com o tempo ellas vierão a alliar-se com mancebos scithas, e formárão na outra margem do rio a nação dos *Sauromatas*, onde as mulheres acompanhavão sempre a cavallo seus maridos, ou fosse na guerra ou nas grandes caçadas, empregos usuaes d'aquelles povos. Outros historiadores fallão destas mulheres guerreiras, fazendo-as habitar diversos paizes; mas nenhum affirma com certeza a sua existencia. Algumas cidades houve nos tempos antigos, cuja fundação se attribuia ás Amazonas, porque dellas tinham o nome. Emfim, nos tempos modernos alguns viajantes pretendem ter visto nações de mulheres guerreiras. O padre d'Acuuha, autor da historia do *rio das Amazonas*, refere do modo seguinte a origem deste nome. Francisco Orellhana, official do exercito de Pizarro, embarcou em 1589, junto a Quito, sobre um grande rio, que o conduziu ao Oceano Atlantico: durante áquella navegação o aventureiro Orellhana saltou em terra uma vez com os seus para procurar provisões e reconhecer o paiz; porém achou algumas povoações

cujos habitantes lhe defenderão a passagem. Houve entre ambos os partidos muitos combates sanguinolentos. As mulheres do paiz combatião entre os homens e os ajudavão fortemente. Orellhana diz, que por fim havia entrado em um paiz de grande extensão, ao longo deste rio, o qual era governado por Amazonas, e que foi isto que fez dar o nome de *Amazonas* áquelle rio, que a principio Orellhana chamou do seu proprio nome. »

Eis pois, querida leitora, o porquê, quando andamos a cavallo, nos chamão amazonas; o titulo é de longa data, e vai para diante, porque a historia está firmada, verdade ou mentira.

Nenhuma notavel differença encontrareis no presente figurino de Amazona, do corrente anno, a não ser o chapéo de palha de Italia, de copa larga e aba estreita, e as mangas de *gigot*. O corpo com basquine sem gola, aberto adiante em forma de roupão, com passadeiras de correntinhas de ouro, e saia lisa, é vestido já conhecido, que bem merece que a moda lhe empregue alguma das alterações de sua galante novidade.

Seja porém mesmo assim: é sempre muitissimo elegante o nosso vestuario de Amazona. Cavalgue um ginete brioso, tenha a moça um corpo esbelto, de talhe fino, e vereis se o que penso, quando passeio a cavallo, não tem seus taes ou quaes visos de realidade — é um throno vivo no qual tem assento a elegancia do sexo imperando em toda a sua plenitude.

Mas estes são os meus *castellos no ar* ou os meus desvanecimentos, de que já me confessei e pedi absolvição. Quizera neste momento adivinhar, querida leitora, se fostes ao *Cassino* e ao baile da grande festa maçonica, para perguntar-vos qual dos dous salões esteve mais animado e foi mais concorrido. Disserão-me que o primeiro esteve um pouco frio e o segundo muito brilhante. Dei os descontos devidos, e acreditei que faltando n'um as Augustas Pessoas Imperiaes, e sobrando n'outro os triangulos e compassos, deveria haver pouca influencia no *Cassino* e muita novidade para os que virão a luz vivificadora do baile dos Mações. O que sei com certeza é que os bonitos vestidos, de sedas luxuosas, guardão-se uns e preparão-se outros para apparecerem no *Cassino*, no segundo baile deste mez, que é quando espera-se a presença de Suas Magestades. Emprazo-vos para então dar-vos noticia desses bonitos vestidos.

Pariz não nos dá nada de novo por este paquete que valha a pena fallar muito e fazer barulho. A moda os Russos e os Turcos estão por ora planejando: esperemos o desfecho na proxima estação.

Christina.

Cattete, 16 de setembro.

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO DE MONTAR A CAVALLO. — Vestido de montar, de merinó verde, com basquine da mesma fazenda, aberta, mangas de *gigot*, camisinha por dentro de cambraia de linho com peito de preguinhas, collarinho *chevalière* de cambraia lisa enfeitado de botões e corrente de ouro. Punhos no mesmo sentido.

Chapéu de palha de Italia enfeitado de pluma e fita côr de palha.

VESTUARIO DE PASSEIO NO CAMPO. — Robe de chambre de tafetá, preso na cintura por um laço da mesma fazenda: o corpo é ornado de um cabeção redondo: as mangas são largas em baixo, com revezos em fôrma de punho; e todo elle enfeitado de fitinhas de encrespar.

A saia de baixo é enfeitada adiante de folhos de cassa toda em preguinhas, assim como o collarinho e as sob-mangas.

Chapéu de palha de fantasia enfeitado de veludo preto e flores escarlates.

E os cavalleiros de viseiras alçadas, isto é, com os semblantes os mais prazenteiros do mundo, derao-se o signal da partida, enterrarão os ferreos acicates nas barrigas dos seus bucefalos e partirão a galope.

Carvalho parecia um bojudo Caciz: os seus amigos erão os paladins que não fazião conta das suas exhortações.

A um quarto de legoa mais, tiverão de parar para esperal-o. Carvalho vinha deitando a alma pela boca.

— Chega-te, tatù-bola! Chega memoravel tonel, intanha diabolica! Anda pançudo incorregivel! Aqui te esperamos, chega-te! disse Telesforo.

— Olá, meu anagro! exclamou Leandro a um rustico que passava. Onde diabo deixaste o teu rabil, ou o teu maracá? (*) O que sabes tu cantar? Em que glosario aprendeste a lingua? Vens do ortivo, ou do occidental? Vamos falla alguma cousa. E' preciso que saibamos a que classe de mus pertences tu!

— Sim, vamos! acrescentou Carvalho limpando o suor. Desenrola essa garabulhenta lingua. Que diado de gatimanhos são esses? Por acaso saberás tu padejar, ou és atiçador dos fornos? Vamos, responde azemala, onde são por aqui as tuas veigas? Ah! torces o focinho?.. Ora, não te ponhas assim que tens laivos de quem vai lagrimejar! Sabes tu o que são umas piugas? Pois vai arrancal-as com os dentes, se és capaz, das pernas do imperador da Russia.

— Apoiado! E se tal fizeres, tambem serei capaz de descobrir quatro marabetinos, para pagar-te.

— Que fazes aqui parado estafermo?

— Vai-te basbaque! Que nem ao menos prestas para ensinar-nos onde fica a Piraquára! Sabes tu?

— Oh! se sei! Lá isso sei eu!

— Pois onde fica, toleirão?

— Pois a Piraquára não é aquelle logar por onde os senhores vossas senhorias passarão?

— Vai-te para o demo, rustico sandeo! Se já o deixámos a traz, vai tu para lá, que nós galopamos á vante!

E o dito foi immediatamente feito.

Os mancebos dispararão os seus cavallos, deixando após si, uma nuvem de poeira que envolveu o pobre camponeo.

— Oh! Guaratiba! Desafio-te a que apresentes um cavallo como o meu *Fidalgo*, como o *Marabá* de Cyrillo, ou como qualquer destes que aqui vão! disse Telesforo.

— Oh! Guaratiba! Apresenta-me os teus rapazes, ou os teus elegantes, e veremos se serei capaz de confundil-os, enquanto o diabo esfrega um olho! disse Cyrillo.

— E eu, desafio-te também, Guaratiba, a amedrontares-me com as tuas raparigas, bellas e formosas, ou sedutoras e meigas! acrescentou Leandro.

Carvalho pensava em comer; e Ricardo dizia também para si:

— Oh! Guaratiba! Poderás ser muito encantadora; mas sem *ella*, de nada valerás a meus olhos!

— Eis uma estalagem! Venha cerveja ó Patrão!

— Desmontemo-nos!

— Venha a cerveja!

— Quantas garrafas?

— Tres ou quatro, meu caro.

— Os diabos me levem se o estalajadeiro não tem feições de um camboatá!

— Parece antes um polvo!

— E' um jaboty!

— E' jaburú!

E todos gritarão:

— Venha a cerveja!

— Eil-a aqui, meus senhores!

— A' vossa saude, senhor....

— Tucuyú, meus senhores.

— Sr. Tucuyú!

— Viva o Sr. Tucuyú!

— Quanto se lhe deve, Sr. Tucuyú?

— Seis mil réis, meus senhores.

— Como? Sr. Tucuyú!!....

— Seis mil réis, Sr. Tucuyú?!..

— Quatro garrafas, a mil e quinhentos....

— E' justo, Sr. Tucuyú.

— E' justissimo, Sr. Tucuyú.

— E' barato, Sr. Tucuyú.

— E' baratissimo, Sr. Tucuyú.

— Por estas alturas, Sr. Tucuyú...

O Sr. Tucuyú estava atordoado.

Leandro metteu a mão no bolso da sua sobrecasaca militar e soltou um grito.

— Oh! desgraça! exclamou.

— O que é lá?...

— Perdi a minha carteira!

O Sr. Tucuyú fez uma careta.

— Má noticia, meu caro Leandro, má noticia!

— Pessima!

— Horrenda!

— Terrivel!

— O que fazer agora?

— Nada mais facil, disse Ricardo. Eu vou pagar a cerveja, e tu vais voltar no mesmo instante em procura da tua carteira.

O Sr. Tucuyú soltou um sorriso.

— Apoiado, viva Ricardo!

(*) Instrumento dos indigenas, do qual elles tirão sons roucos e monotonos.

— 300 —

— Viva o Sr. Tucuyù!

— Até á volta, Sr. Tucuyù!

— Adeus, meus jovens, adeus!

Os quatro mancebos partirão a galope, e Leandro voltou a passo, e já sem alegria.

Uma carteira com dinheiro, não é tão pouca cousa, que se possa perder a sangue frio; e principalmente quando se é militar e se tem vinte annos.

Dissemos quando se é militar, porque em parte alguma esses *valentoes* são os mais bem aquinhoados. O militar tanto na paz como na guerra, é sempre um authomato; mas no ultimo caso o negocio muda um pouco de figura. Quando a patria precisa d'elle, é heróe, é defensor, é o sustentaculo da monarchia, é honrado, é bravo, é tudo! Queixou-se elle porém da pobreza do seu soldo?... Sus! meu caro senhor! A patria não póde!

Já vê pois, o leitor, que Leandro tem razão para perder a sua alegria.

A viração farfalhava nas arvores, os passaros xilravão cadentemente, e um regato cortava a estrada de meio a meio, mostrando suas limpidas aguas!

Mas Leandro estava sem dinheiro... A fatalidade houvera roubado o sangue do militar!

De repente porêem, uma gargalhada harmoniosa echoou nos ares. Leandro voltou-se rapido para a parte esquerda, e... oh! surpresa! A joven do carro e o seu velho Vulcano passavão outra vez por junto delle.

Vinhão a pé, e o carro os seguia vagaroso a alguma distancia.

A surpresa de Leandro foi de um instante: a lembrança da sua carteira ainda o dominava.

— Ah! senhor! disse elle ao velho. Acharieis por ventura, uma carteira de marroquim encarnado....

— Com um broche de prata?

— com um broche de prata e contendo....

— Quatrocentos mil réis?

— quatro centos mil réis: concluiu Leandro.

— Sim, certamente, disse a joven, soltando um encantador sorriso. A carteira é do senhor, papai!

— Está me parecendo que sim, Florinda; mas espera, sejamos prudentes.... Meu joven, disse elle para Leandro, se me não engano, visto que a carteira é vossa, deveis saber que em uma de suas paginas está escripto um nome, e que esse nome....

— Sim! sim, eu o sei! exclamou Leandro encantado. Esse nome é o meu, senhor, é o nome deste seu creado!

Florinda lançou-lhe um olhar que parecia perguntar-lhe: — como vos chamais?

E Leandro respondeu alto a essa muda interrogação.

— Chamo-me Leandro Ribeiro dos Cheroquezes.

— Dos Cheroquézes, papai, que bonito nome!

— A carteira é vossa, eil-a aqui!

Leandro deu um grito de alegria ao avistal-a! Imprimiu-lhe um ardente beijo na capa, metteu-a no bolso e saltou ao pescoço daquelle homem extraordinario!

O Vulcano já parecia um Adonis!

— Sois um excellente moço, meu amigo!

— E vós, senhor, um nobre ancião!

— Papai, o Sr. Leandro, traz o uniforme da artilharia a cavallo.

— E' um bravo, minha filha.

— E' tão politico, papai!

— Muito bem, muito bem! E's uma rosa minha Florinda!

— Senhora, vós é que sois a propria civilidade.

— Oh! senhor!

- Sois mais encantadora do que a mythologica Venus.
- Quizera antes....
- O que, minha senhora?
- Parecer a caçadora Diana.
- Gostaria por ventura da caça?
- Não vê a espingarda de papai? E' por minha causa que a trouxemos.
- Muito bem, muito bem! E' uma rosa, minha Florinda! disse seu pai.

Florinda era uma dessas virgens travêssas, simples e meigas. Mas não obstante isso, qualquer rigorista a mimosaria logo á primeira vista, com o epitheto de *loureira*, ou de excessivamente *espirituosa*.

Seus cabellos de um azeviche admiravel, cahião-lhe em grossos anneis por sobre uns hombros niveos e encantadores. Seu rosto de uma alvura deslumbrante, enquadrado nos flexuosos cabellos, era como uma aurora sobresahindo ás trevas. E seus olhos negros, de uma attracção magnetica; e seus labios breves e rubros; seus dentes de uma brancura inimitavel; erão circumstancias por de mais queridas para prenderem a attenção do mais extraordinario sceptico, e quanto mais a de Leandro, que sabia admirar a natureza nas suas melhores producções!

Florinda trajava um vestido de seda de xadrez escocoz, e por cima d'elle, vestia um sobre corpinho de filó branco, que lhe dava em resultado, um todo de encantar!

Quanto a seu pai, era um bom homem: rico de dinheiro e pobre de sciencias. Mas, na côrte, apesar da profissão que exercia, recebia em sua casa a mais apurada fidalguia, e dava de vez em quando serões de valor, aos mais recommendaveis fidalgotes da gemma, e então, áquelles de sangue azul!

No mais, o Sr. José de Cupertino não entendia de etiquetas, e se dava serões, era por que elles o mettião nessa!

Em poucas palavras: o Sr. José de Cupertino, era um pobre diabo.

No momento em que se fallava da espingarda, devisarão uma miseravel tasca.

Leandro quiz firmar as bases do seu novo conhecimento com duas garrafas de Champagne.

Infelizmente porém, só havia licor de rosa.

O licor de rosa foi aceito.

O Sr. José de Cupertino, bebeu admiravelmente; Leandro pôz a duas fóra de combate; Florinda não era moça de didaes de licor, bebeu como um homem.

O carro chegou: Florinda e seu pai tomáráo os seus logares: Leandro os seguiu a galope.

Antes de chegarem ao Viégas, a bulha do carro, o trotar dos cavallos e as vozes dos viajantes, afugentáráo de uma aroeira, a uma multidão de sayras, que interuárão-se por uma extença e intrincada capoeira.

— Fogo nellas! fogo nellas, papai! gritou Florinda.

O Sr. José de Cupertino mandou parar o carro.

Apearão-se.

Elle quiz levar a espingarda ao hombro, porêem suas pernas vacilárão, e o licor de rosa salvou esta vez as pobres avezzinhas.

Um passaro rajado, porêem, teve a imprudencia de apparecer sobre o ramo de um espinheiro.

— Sr. Leandro! Sr. Leandro! exclamou Florinda com as faces afogueadas. Oh! como é bonito! Daqui, daqui... fazei a pontaria, aqui está a espingarda de papai.

O passaro voou para dentro da capoeira.

Leandro chegou-se á sua entrada e avistou-o.

Florinda exultou de alegria.

O caçador apontou para elle a arma mortifera.

Florinda era toda olhos.

O tiro echoou, ella não se poudé mais conter, e embarafustou-se correndo pela capoeira dentro, para apanhar o misero passarinho.

Leandro julgou do seu dever poupar-lhe esse trabalho, e correu apoz ella.

— Cuidado! cuidado, minha senhora! gritou um roceiro que passava e que estava sciente do fim para que ella internava-se pela capoeira. Ha ahi uma pequena cóva que se chama o inferno! Podeis cahir nella.

Mas já foi tarde!

A linda douzella cahira primeiro, e logo depois Leandro.

O Sr. José de Cupertino foi em seguimento delles; mas enleou-se n'um retrocido timbapéba, e levou seguramente um quarto de hora, primeiro que se desenleasse.

— Meu joven amigo! Ó meu joven amigo! gritou elle, ainda prezo por uma perna. Vinde cá, meu bravo! Livrai-me deste maldito sipó!

— Espere, meu amigo, cahi no inferno! mas já vou, já vou! respondeu Leandro.

Felizmente a cóva não era muito funda, e puderão a final saflar-se della.

Quanto á quéda, não fôra perigosa.

Apenas Florinda teve o seu lindo sobre-corpinho de filó rasgado, e Leandro ficou um pouco sujo de terra.

Chegarão ainda a tempo para desenlearem ao Sr. José de Cupertino, e para que elle pudesse exclamar:

— É's uma rosa, minha Florinda!

E com sua filha, e rindo-se ás gargalhadas, tornou para o seu carro, onde dez minutos depois principiou a roncar.

Leandro saltou sobre o seu cavallo e desapareceu a grande galope.

Florinda entretanto, esforçava-se para sorrir-se. Mas apenas percebeu que seu pai não podia observá-la, derramou uma torrente de lagrimas, e occultou o seu rosto entre as mãos.

E diga-se que o licor de rosa, não serve para alguma cousa!

VII.

RICARDO E LEANDRO, TAL NÃO ESPERAVÃO.

*Vistes vós? Oh! receio que não
visses bem como elle tremia!
(Mistriss Inchbald.)*

Não póde julgar o que é, quem nunca viu um casamento na roça. Mas tenha paciencia o leitor, que nós já trataremos disto.

Estamos agora na Guaratiba, isto é, em uma parte do mundo, onde o Céu é o mais bello possível, as estrellas formosissimas, o sol magestoso e a lua magnifica!

Quem nesta terra, no meio dos sertões, ao ver uma cascata natural despejar em flocos as aguas crystalinas, por entre as rochas escarpadas, ou por sobre os annosos troncos das derribadas mussutahybas, não se sentirá poeticamente inspirado?

Quem ahi, ao ver as canjaranas como que entrelaçando no Céu os seus ramos com os dos vinhaticos, não terá um pensamento para Deus?

Quem, ao ver pousar o fugitivo arassary, sobre o flexivel ymbé, enroscado pelas rijas graúnas e pelos reforçados ubatáns, não se identificará com o socego dos bosques e a paz dos desertos?

Quem não dirá, ao ver dessa terra, a lua desferir os seus argenteos raios sobre a copa das garapyapounhas, ou ensinando aos solitarios ribeiros, as varzeas, e as ondas do mar, a sua melancolia suave, que ella é a poetisa dos céos e a fada das solidões?

Chateaubriand, cantor da Luisiana! Se tivesses transportado a tua Celuta e o teu René, para algum dos nossos infindos sertões; se os descançasseis á borda dos nossos rios, ao lado das nossas palmeiras, ou sobre o tronco dos nossos airiribás; se lhes desseis por cabana um frondoso Brasil, e lhes patenteasseis todas as naturaes producções deste vasto Imperio, certamente que vos bemdirião, e não terião saudades da terra dos Natchez!

Mas, ao pensarmos neste solo tão mal aproveitado, e mesmo mal comprehendido pelos nossos; por que tudo o que lhe diz respeito, parece formado para sua immensa grandeza, e para que se fizesse delle, a mais rica e poderosa nação, não podemos deixar tambem de lastimar o pouco que se tem feito em prol da nossa litteratura.

A litteratura de uma nação, é o mostrador dos seus costumes, dos seus usos e da sua civilisação: a nossa porém, criança que por si mesma, procura dirigir os incertos passos, é um ponteiro que na historia dos povos, marca a incuria dos nossos antigos governadores.

Se alguma cousa se tem feito, sómente se deve aos jovens brasileiros, deste e do outro tempo, que, não vertendo lagrimas pela terra de ko-

— 302 —

ciusko e Poniatowsky, como os autores polacos; mas atravessando a maça dos regressitas engrupados em torno delles, os gelidos sorrisos dos patriotas das cans e a indifferença dos governadores, pudêrão levantar esse pequeno monumento que faz hoje a gloria daquelles mesmos que zombárão dos seus obreiros.

Pois o Brasil descoberto em 1500, isto é, ha 354 annos; contando 34 de liberdade, gigante como é, não poderia ter avançado já um passo, mesmo de gigante em prol deste mister?

A Esclavonia poderá ter a sua litteratura original, e bem assim os Hindous e a Bohemia, e o Brasil não poderá cuidar da sua e formal-a patria, puramente nacional?

Mas serão talvez infundadas as nossas queixas d'ora ávante. Sim, pois a mocidade ahi está, e o futuro lhe pertence.

Agora a nós, querido leitor: perdão pela digressão.

Tinhamos fallado de um casamento na roça, tratemos por tanto do casamento do Sr. visconde das Pereiras.

Na hora em que as narcejas, as sanaus e as colherêras buscão a primeira refeição nos rios e nos bréjos, queremos dizer, ao despontar da aurora, viu S. Ex.^a aproximarem-se os seus cinco jovens do hotel, desmontarem-se e entrarem sem mais cerimoniaes na varanda da sua Fazenda.

Erão os primeiros convidados que chegavão.

O Sr. visconde soltou uma exclamação de alegria.

Os nossos amigos gostarão da recepção.

Destinou-se-lhes um espaçoso quarto com uma cama para cada um. Levárão para ahi as suas malas, e elles julgárão conveniente descançarem um pouco das fadigas da jornada.

A's dez horas acordárão impressionados por um motim diabolico.

Telesforo enfiou a cabeça pela janella e viu o que ainda não tinha visto em sua vida.

Um enorme camponio empoleirado nos degrãos de uma escada, martelava em um sino como um possesso. Um outro vermelho como o fogo do tição que soprava e com ares de furacão, mandava visitar ás regiões lunaticas, uma immensidade de foguetes do ar, escolhidos pelo proprio visconde.

Um rancho de raparigas disfarçadas em virgens e coroadas de rosas brancas e semprevivas; trazendo nas mãos o emblema da pureza, isto é, umas palmas improvisadas de ramos de cedro de olival e de flores de cardamomo, esguelavão-se a pedrer e cantavão um epithalamio terrivel.

Adiante dellas, uma sucia de meninos de camisolas brancas, de tamancos, sem meias, com aljavas de taquarussù nas costas, settas de bambús e azas de sipós trançados, para fingirem os Amores, tocavão sem amor em uns tambores que trazião ao lado e respondião gritando ao côro das virgens.

Atraz destas, uma multidão de marmanjos vestidos de verde com chapéos de paninho amarello, cintos da mesma fazenda ornados de pennas de perùs, pretendendo representar os Genios do Brasil; vinhão tambem cantando descompassadamente e trazião o Despotismo prezo por um laço de couro.

Este Despotismo, era um outro marmanjo vestido de pelles de cabrito com dous enormes chifres na cabeça e com o rosto pintado de encarnado. Dava urros; e procurava morder aos Genios e enfiar-os pelas suas pontas.

Alguns roceiros, de adufos, pandeiros, violas e machetes, completavão o acompanhamento.

Os convidados chegavão em carros guinchadores, puchados por quatro, seis e oito juntas de bois. Os carreiros gritavão, os bois berravão e os convidados fallavão.

O sino, os foguetes, os Amores, as Virgens, os Genios do Brasil, o Despotismo, os roceiros, os carros, os bois, os carreiros e os convidados, todos reunidos, fazião um barulho infernal, horrisono e terrivel. Sem fallarmos dos cavallo e dos cavalleiros que chegavão de todos os lados.

Telesforo chamou aos seus amigos, e uma gargalhada geral saudou a toda esta sucia de convivas.

A futura viscondessa chegára antes, com seu pai, enquanto os nossos jovens dormião, e estava se preparando no seu gabinete.

O padre chegou.

Abrirão-se as portas do oratório: a cerimonia ia principiar.

Vierão chamar aos nossos amigos.

Mas com grande surpresa de todos, virão Ricardo desaparecer rapidamente por entre a multidão, e Leandro impallidecer e ficar perplexo e tremulo no mesmo lugar.

— Céos exclamou Leandro.

E nada mais poudo dizer.

Ricardo acabava de avistar a Emygdio ao lado da sua Ethelvina, e Leandro reconhecia, nessa que ia ser a futura do visconde, a encantadora Florinda, que encontrára no caminho!

(Continúa.)

PENSAMENTOS.

Aquelle a quem se faz um beneficio escreve o seu agradecimento sobre a areia; aquelle a quem se faz uma traição escreve o seu resentimento sobre o bronze.

Os rapazes dizem tudo o que fazem, os velhos tudo o que fizerão; e os tolos tudo o que pretendem fazer.

Nunca a innocencia e o mysterio habitarão juntos por muito tempo.

— 303 —

POESIA.

PENSAS EM MIM ?

Dize, fala meu anjo,
Dá a meus males um fim –
Olhando assim para o Céu
Que pensas tão elevada?
Dize, falla meu Anjo

Pensas em mim?

Deixa os teus lábios
Quem te faz scismar assim ? –
Será um sonho de amor
Que te faz tão pensativo?
Dize, falla meu Anjo,

Pensas em mim ?

És bella, joven – mimosa,
És celeste cherubim,
E suspiras – e pensas triste !...
E teus lindos olhos se abatem !...
Ah ! deixa de tanto scismar,

Pensar em mim !!

Innocencio Reyo

MOTTE.

« No meu rosto ninguém vê
« Nem um sinal de afflicção
« Meu desgosto, minha dor,
« Eu sumi no coração

Pela Ex.^{ma} Sra. Dona *M. C. de J*

GLOZA.

A saudade que me rala
Neste mundo... ninguém crê!
O que soffre este meu peito
« No meu rosto ninguém vê

Eu oculto, quanto posso
O que soffre o coração;

Soffre muito... mas não mostro
« Nem um sinal de afflicção

Julga-me o mundo contente,
Das bellas terno amador;
Mas no peito guardo oculto
« Meu desgosto, minha dor.

Nas festas tambem me encontram
Fingindo satisfação;
Porque a magoa bem cruel
« Eu sumi no coração.

BOLETIM MUSICAL.

Já lá vão duas semanas que não noticiamos ás nossas amaveis leitoras o que ha occorrido no mundo musical, e no entanto bem lindas novidades têm apparecido.

A feiticeira valsa que se publicou com o bello titulo — *A Americana* — alem de linda e de bello gosto, é mui facil para ser tocada: é uma composição que honra por certo o seu autor.

O lindo final da *Lucia de Lammermoor*, que até hoje não havia completo para piano só, publicou-se tambem; e esta publicação é um bello presente ás pianistas, porque tal musica será sempre apreciada por todos aquelles que tiverem bom gosto.

Ouvimos na noite de domingo cantar uma modinha composta pelo Sr. Henrique Alves de Mesquita, que por sem duvida é de um merecimento á toda a prova: a poesia é do Sr. Santos Neves, e a musica comprehendeu tanto o pensamento do poeta, que o ligou em uma só idéa.

O Sr. Leoni, insigne professor de piano, acha-se á testa do grande estabelecimento de musica da rua d'Alfandega.

No domingo na festa da Senhora do Socorro, na *Igrejinha* de S. Christovão, tocou a musica da Imperial Fazenda de Santa Cruz, dirigida pelo seu mestre o Sr. Goianna. A parte instrumental era magnifica e bem ensaiada; e dentre os cantores, os quaes são da mesma Imperial Fazenda, nota-se o tenor, o baixo, e o contr'alto, que são admiraveis, e que por sem duvida, a serem estrangeiros, merecerião as honras e os elogios pelas folhas diarias e mais periodicos desta nossa boa terra.

Tambem ouvimos cantar um bello romance brasileiro, poesia do Sr. Innocencio Rego e musica do Sr. Dionizio Vega, intitulado — A FLOR DA SEPULTURA. E' de um effeito muito agradavel, e torna-se merecedor do acolhimento de nossas dignas patricias.

Não finalisarei este boletim sem dar-vos noticia de um conservatorio de musica religiosa que foi installado no dia 7 de setembro. Uma associação de artistas acaba de fundar este conservatorio, sob os auspícios do Exm. S. Bispo do Rio de Janeiro; seu fim é reformar e depois conservar o genero sacro, banindo dos templos as composições theatraes e profanas. A inauguração deste novo estabelecimento teve lugar nas salas da sociedade Phil'Euterpe gratuitamente franqueada para esse fim.

A direcção das classes do conservatorio foi confiada aos seguintes professores, que de bom grado aceitarão: padre Joaquim do Amor Divino Martins, regente do coro da Candelaria. Dr. Adolpho Maersch, e Dr. Francisco Xavier Muniz.

Joanninha.

ANECDOTAS.

Certo fidalgo portuguez achando-se em uma quinta que tinha a algumas leguas de Lisboa, adoeceu perigosamente, e como era mui religioso, mandou que lhe trouxessem o Viatico. O cura da freguezia, a quem nunca tinha cabido a honra de dar a communhão a um marquez, pôz em serviço para este fim as melhores alfaias e ornamentos que havia na igreja: mas não contente ainda com isto, e desejando dar ao fidalgo um claro testemunho da sua cortezania, e de quanto desejava obsequial-o, lhe disse no momento de lhe dar o sagrado Viatico: << *Queira V. Ex. desculpar se elle não for tão bom como o da côrte; mas é como cá o temos na aldêa.*

Certo taful enamorado da filha de um rico negociante, ou antes do seu dote, a foi com toda a sem cerimonia pedir a seu pai. Este, que apesar do *côco*, era pé de boi, perguntou-lhe qual era a sua fortuna, e sabendo que nada possuia, lhe respondeu mui friamente: « Pois meu senhor, ainda que minha filha leve bem com que jantar, eu sempre quero um genro que traga com que cêar — *Oh!* enquanto a isso não lhe dê cuidado, acudiu promptamente o taful: *eu em jantando bem, dispenso a cêa.*

Uma senhora de distincto merecimento havia feito o encanto de uma sociedade, tocando e cantando deliciosamente. Um desses fatuos presumidos, que a favor de meia duzia de cumprimentos de rotina, pensão campar por discretos e sabichões, lhe disse: « Minha senhora, póde ter a satisfação de que todas as honras desta noite lhe pertencem. » — Não sou vaidosa, lhe respondeu a senhora: para merecer as atenções de uma companhia é preciso ser moça e bonita. — *Nem sempre*, lhe replicou o espirituoso dandy, *a senhora* mesmo acaba de dar hoje uma prova do contrario.

CHARADA.

Eil-a — mimosa, tão linda
No jardim a florescer! 2
Eil-o — temivel, crystalino,
Pelos bosques a correr! 2

Eil-o — nas mãos do devoto
Inspirando a piedade!
Eil-o — servindo de prece
Ao Grande Deus de Bondade!

Innocencio Rego.

ERRATA.

No terceiro verso da charada publicada em o numero passado lêa-se — *terna* —, em vez de — *terno*.

A advinhação do n. 57 é: *Cama*. A charada é: *Ira*.

Acompanha este n.º 38 uma estampa com figurinos de passeio.

TYP. DO Jornal das Senhoras, RUA DO CANO N. 165.